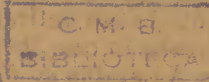


REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
LARGO DE S. FRANCISCO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
COMPANHIA EDITORA DO MINHO

ACÇÃO SOCIAL

SEMANARIO CATÓLICO
(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)



ASSINATURAS
Ano... 10\$00 Semestrê... 5\$00
Pelo correio, mais o porte.

ANUNCIOS
Linha (corpo 12)... \$50
Repetição... \$40
Comunicados linha... \$70

DIRECTOR E EDITOR—Abade Alexandrino José Leituga

ADMINISTRADOR—P.º António Esteves

PROPRIEDADE da Empresa da "ACÇÃO SOCIAL,"

A Igreja e a política

II

Continuamos a transcrição do importantíssimo e doutrinal artigo publicado no órgão officioso do Vaticano, *Osservatore Romano*.

Legítima autoridade da Igreja nas cousas políticas

Do principio da distincção e independência reciproca dos dois poderes — eclesiástico e civil, — não se segue que a Igreja não tenha nenhuma autoridade directa, indirecta ou direcciva, nas cousas temporais e políticas. Tal conclusão é explicitamente condenada no *Syllabus* de Pio IX, e na Enciclica *Pascendi*, de Pio X.

A teoria liberal das duas paralelas que nunca se encontram não pode ser logicamente aceite senão por quem negar à Igreja a sua missão divina, ou admitir, como Maquiavel, que a politica não tem nada que ver com a moral e a Religião.

Segundo a doutrina católica, a politica é, ou pelo menos deveria ser, a moral applicada ao governo da sociedade; por isso a Igreja, guarda e mestra da lei moral, não pode desinteressar-se completamente dela; nem o seu chefe supremo, o Papa, pode aceitar o escarninho conselho de Terenzio Mamiani a Pio IX de que se encerrasse «nas serenas auras do dogma, contentando-se com abençoar e orar».

A Igreja tem o direito, e o dever de chamar os governos e os partidos a observância dos seus deveres religiosos e morais; de condenar os abusos do poder, as oppressões tiránicas, as perseguições contra a verdade e a justiça; de se defender a si mesma contra as indevidas ingerências do poder civil no campo religioso; de tutelar e defender os direitos religiosos, morais e sociais dos seus filhos, a liberdade de ensino, a santidade da familia, a paz das classes em cada Nação e a paz das Nações na Crístandade; de proibir aos católicos uma determinada linha de conduta politica, se a considerar contrária (ou menos oportuna) aos direitos de Deus e da própria Igreja (como por exemplo o *Non expedit* na Itália), de exigir dos mesmos católicos uma certa attitude politica quando ela for reclamada pelos supremos interesses religiosos e espirituais (como por exemplo o *ralliement* na França e na Espanha).

Já que, não obstante a sua independência e distincções reciprocas, a Igreja e o Estado actuam sobre os mesmos homens e inevitavelmente se encontram nas chamadas questões mixtas, em que os actos da religião se entrelaçam com os da politica, «é necessário que exista entre os dois poderes uma união cheia de harmonia, que se pode justamente comparar à união entre a alma e o corpo». (Enciclica *Immortale Dei*).

«Nos não procuramos, escrevia Leão XIII ao Bispo de Grenoble, fazer politica; mas quando ela se encontra estreitamente ligada aos interesses religiosos, se alguém tem a missão de determinar o procedimento que pode eficazmente salvar os interesses religiosos, nos quais consiste o fim supremo das cousas, é o Pontífice Romano».

Esta acção da Igreja é impropriamente chamada politica. A Igreja não intervem nas cousas políticas senão enquanto elas revestem e na medida em que revestem um carácter religioso e moral; portanto a sua intervenção é essencialmente de ordem religiosa e moral.

Históricamente, pois, seria fácil demonstrar o bem imenso que com tal intervenção, de facto, a Igreja tem feito à própria sociedade civil.

A acção católica e a política

Na Itália chamamos organizações da Acção Católica aquellas que estão à frente da «Junta Central da Acção Católica Italiana».

Estas organizações, sendo «uma milicia que opera em favor da Igreja», sob a direcção imediata da autoridade eclesiástica, com o fim de colaborar com as diversas obras do apostolado católico, devem desenvolver a sua actividade dentro dos confins da missão da mesma Igreja. Portanto, não é politica de partido, e nem sequer agnosticismo a indiferença, desinteresse, de toda a questão politica. A acção católica negar-se-ia a si própria se renunciasse á afirmação dos principios católicos mesmo no campo político, como no campo familiar, social, profissional, e se não intervissem na defesa dos direitos, dos interesses e das liberdades católicas, em todas aquellas questões políticas que implicam um principio religioso, moral e social.

E outro grave dever tem ainda a Acção Católica relativamente a politica: — é o de promover, por todos os meios possiveis, a formação da consciência politica dos católicos. Formemos a valer esta consciência — como exortava o Santo Padre no seu discurso à Juventude Católica Romana, no domingo, 21 de outubro passado; — difundamos, com meios eficazes, uma sã cultura politica, ensinemos quais são os principios fundamentais da moral politica e quais os deveres políticos de todo o cidadão; orientemos os católicos sobre os mais importantes problemas políticos que tem relação com os problemas religiosos, morais e sociais; preparemos eleitores conscientes e legisladores intelectual e moralmente capazes de proclamar e realizar os nossos principios e ideias no âmbito da vida pública, e o resto virá por si mesmo.

ADIVINHA POPULAR

Dizei, senhores, quem é
A moça gorda e cintada,
Que é ao fumo curada
E tem a boca no pé;
Pela qual não come nada?
Desafez-se de comer
E fez-se grande borracha,
Depois do miolo perder.
E o dono sempre a enfacha
Quando lhe dão de beber.

Decifração da última publicada:—Faro de mel.

Os católicos e a politica

Seria um erro gravissimo acreditar que a exclusão da Acção Católica da politica, no sentido acima referido — isto é, no sentido de pura politica partidaria e não politica religiosa — implique a exclusão dos católicos de qualquer acção politica ou de partidos.

Em casos normais, e salvo circunstâncias excepcionais de tempo e de lugar (como, por exemplo, em Itália depois de 1870), os católicos tem por dever, como individuos, e não em nome da Igreja, de participar na vida politica do seu país, sob a sua própria responsabilidade; e como a politica hoje se exerce através dos partidos organizados, os católicos não podem inscrever-se senão naqueles partidos cujo programa e acção sejam inspirados nos principios e na moral católica.

E' uma estranha aberração, filha de uma ignorância grosseira, o afirmar que este dever não é de consciência e não torna esta responsavel perante Deus.

Como cidadãos, os católicos devem aceitar a sua quota parte de responsabilidade na vida pública e pôr ao serviço da Pátria as suas aptidões, a sua influencia e a sua actividade; como católicos, devem levar até à vida pública o «sal da sapiência cristã» e as luzes e as graças que a fé lhes subministra; como filhos da Igreja, não devem permitir que o poder politico se torne um instrumento de luta contra Ela na mão dos adversários.

Se os católicos tivessem sempre compreendido e cumprido o seu dever politico, sem medo e sem cobardia, sem deserções cômodas e egoismos pessoais, quantos males se teriam evitado à Igreja e à Sociedade!

Giuseppe M. mti.

Termina aqui a magnifica exposição do *Osservatore Romano*. E' doutrina clara, que não admite sofisticas interpretações.

Paramos hoje. No próximo numero, deixaremos aqui arquivados os comentarios feitos a este artigo pelo nosso presado colega *Novidades*.

Ecos de Barcelos

Entrou no 6.º ano da sua publicação este nosso presado colega local, órgão do partido democrático, do qual é seu Director o distinto clinico e Presidente da Comissão Executiva Municipal, dr. Miguel Fonseca.
As nossas felicitações.

CANÇÃO DA ESPERANÇA

Hora sonhada, bendita hora
que nos Relógios do Além bateu...
E' como aurora,
que se enamora,
meiga e sonora,
vestindo o Céu.

Pombas de arminho, fúlgido bando,
riscam faúlhas de etérea luz.
E' como quando,
no azul voando,
sonho mais brando
nos leve a cruz!

Manhã divina, tam linda e mansa,
dá-me a ventura da minha Esperança!

II

Andam nos campos das sementeiras,
almas de graça da terra á flor.
As lavradeiras
tam feiticieras,
cantam fagueiras,
cânções de amor!

Fontes perpassam grogolejantes,
suspiram lédas, o seu Bendito.
Nos já distantes,
prados errantes,
vejo diamantes,
sois do infinito!

Mãos cheias de oiro que o sol espalha,
sobre os regaços de quem trabalha!

III

E as andorinhas sobre as janelas,
escolhem ninhos a chilrear.
Pelas courelas,
ei-las, são elas;
frescas donzelas,
de manso andar!

Passam na estrada, que é manhãzinha,
carros chiando languidamente.
Floresce a vinha,
onde se aninha,
a luz branquinha
do sol nascente.

Poema de bênçãos que a Vida canta,
dos Céus á Alma, da Terra á planta!

IV

O Mar embala nas ondas de oiro,
velas que fulgem como o luar...
E ao miradouro,
cabelo loiro,
o meu Tesouro
contempla o Mar!

Rútilo, em brazas, o sol flameja,
na clara-boia, vivo esplendor.
Da esbelta igreja
que além alveja,
cai benzefaja
prece de amor.

E a Terra em volta, prostrada, reza,
no eterno livro da Natureza!

V

Ardem as fôlhas no estontamento,
do Sol que as morde para as beijar.
E o sonolento,
foi pachorrento,
junto ao armento,
a ruminar!

Três horas soam na imensidade,
três horas lentas, a palpitar.
Na claridade,
que o mundo invade,
há uma anciedade
que não tem par.

Ancia de vida tocando a Terra,
desde o Mar largo a última serra!

VI

Vem a tardinha num vôo de asas,
linda e alegre p'regrinação.
Fumam as casas,
baixinhas rasas,
nuvens, de brasas,
como algodão!

E o sol perdido no Mar distante,
no oiro disperso de uma explosão,
lembra de instante,
uma hóstia, ovante,
que é o mar gigante
à comunhão!

E o mundo extático, ajoelhado,
fica em silêncio, como encantado!

VII

Hora bendita do fim do dia,
em que alma voa pelo Universo.
Avé-Maria,
Doce harmonia,
terna magia
da campa ao berço.

Avé! São pombas de seda e arminho,
galés de espuma, sulcando o ar.
Lédo e mansinho,
o ribeirinho,
lá vai sósinho,
da Terra ao Mar!

Surgem estrelas, olhos de lume
nos ceus distantes, vem em cardume!

VIII

Senhora miuha, gentil, formosa,
como a açucena do prado em flor!
Qual mariposa,
buscando a rosa,
vem ó formosa
pomba de amor!

E eu sinto ao longe que vem subindo,
frêmito de asas de um querubim.
O olhar tam lindo,
do Sol florindo,
meigo, sorrindo,
fita-se em mim!

E dentro da alma tranqüila e mansa,
há como um sonho de linda Esperança.

Hora divina, bendita hora
que nos Relógios do Além bateu...
E' como aurora
que se enamora,
meiga e sonora,
no azul do Céu!

ARNALDO BEZERRA D'AZEVEDO.

O sr. Conde de Vilas Boas

UMA MANIFESTAÇÃO DE SOLIDARIEDADE
BAIRRISTA — AFIRMAÇÕES DE
PATRIOTISMO

«Ex.º Sr. Fernando Magalhães e Menezes (Conde de Vilas Boas):

Os abaixo assinados, pondo de parte os seus credos políticos, e exclusivamente como barcelenses, vem apresentar a V. Ex.ª as suas mais sinceras e calorosas saudações, pela forma altiva, nobre, e patriótica, como soube imperturbavelmente manter-se perante aquelles que conseguiram, contra a expressa vontade da grande maioria do povo desta vila, a substituição de V. Ex.ª na administração da Santa Casa de Misericórdia, para onde foi com o generoso intuito de fazer cumprir a Lei, entregando a posse daquela importante casa de beneficência a quem de direito pertence.

Nestas reduzidas mas significativas palavras, fica bem expresso o justo protesto de todos quantos, neste momento, vem junto de V. Ex.ª, como legítimo representante do sentir da maioria dos barcelenses, no presente incidente, prestar-lhe a sua solidariedade, pedindo-lhe para que não abandone o exercicio dos cargos que em diferentes instituições tão acertadamente lhe foram confiados e para que continue, como até aqui, como barcelense dos mais illustres que é, a dar á sua terra natal, que muito estima e justamente considera, o melhor do seu valioso esforço, da sua grande actividade e esclarecida intelligencia, para que ela progrida cada vez mais e cada vez mais se enalteça e nobilita.

Barcelos, 17 de Março de 1924.

Esta foi a mensagem que na última segunda-feira, pelas 16 horas e meia, muitas dezenas de barcelenses foram depositar nas mãos do illustre filho de Barcelos, sr. Conde de Vilas Boas.

Tem ela cerca de 400 assinaturas em que se destacam, numa afirmação de grande influencia bairrista como que a abrir um entendimento leal em prol da nossa terra, todas as correntes partidárias e todas as classes de

ciais, que, num preito de homenagem e de apoio ao barcelense illustre, quizeram manifestar-lhe a sua estima, a sua consideração— a solidariedade que merece quem, sobranceiro a toda a política e afastado da influência partidária, sempre soube dedicar à sua terra natal toda a sua boa vontade, o esforço de que é capaz o entranhado amor bairrista, o patriotismo que se manifesta ao serviço do bem local.

E' de notar a boa ordem, o espirito de união e de solidariedade patriótica que presidiu a esta manifestação.

Notemos ainda, que a manifestação ao sr. Conde de Vilas Boas, foi também a afirmação de que o espirito barcelense, farto de contendas e dissensões, quer trabalhar pela sua terra e não quer que a política se intrometa, por nenhum capricho, na administração de instituições que, pelo seu carácter e pelo objectivo que representam, devem estar muito acima dela.

A leitura da mensagem, o sr. Conde de Vilas Boas respondeu com um discurso que é mais uma afirmação do seu carácter, do seu objectivo e do seu patriotismo bairrista, discurso que foi escutado com toda a atenção e intercortado de apoios, pela massa de barcelenses que se uniram à sua orientação, como que aclamando em s. ex.^a o homem que incarna a sua aspiração mais alta, que é a união de todos em volta do ideal barcelense.

Sua ex.^a disse:

«Meus senhores:

A prova de estima e de solidariedade que por meio desta mensagem acaba de me dar a boa gente de Barcelos, se me sensibiliza profundamente, não me envaidece a ponto de a tomar apenas como homenagem pessoal, pois sei muito bem que não tenho merecimentos para tanto.

Ela tem para mim um significado mais alto, de espirito bairrista, de verdadeiro espirito barcelense que se esforça nobremente por defender a integridade moral da nossa terra, ao manifestar a sua estima por quem sempre se tem esforçado, modesta e desinteressadamente, por a servir e honrar.

Fiz a declaração pública de que me considero moralmente obrigado a afastar-me das instituições locais de cuja direcção faço parte, porque o amor que lhes tenho, e a minha própria dignidade me proibem arrisca-las a serem atingidas, mesmo de leve, pelo reflexo de qualquer vexame, como o que me foi feito em um documento official com a chancela do governo civil de Braga, em que se me attribuia um acto que me tinha comprometido a não praticar, e em que se contava com a minha conivência nessa falsidade.

Felizmente todos os meus patrióticos sabem que ninguém, por mais governador civil que seja, tem o direito de me assacar uma falsidade, e que todos os governadores civis deste mundo, mesmo apoiados por todas as forças militares que quizerem, não tem o poder bastante para me obrigarem a ser conivente em uma mentira.

Esta mensagem, e a forma como me é entregue, demonstram que a minha terra me faz justiça.

Para a servir, para concorrer com o meu modesto esforço para a sua prosperidade, eu não tenho caprichos.

Nem me ofuscam ridiculas vaidades, nem me constroem mesquinhas questões pessoais. Firme nas minhas crenças e nas minhas convicções, respeito as crenças e as convicções dos outros, e nunca recusei nem sou capaz de recusar a ninguém a minha colaboração para tudo o que represente o bem da minha terra e dos meus concidadãos.

Manifestam-me estes por meio

desta mensagem o desejo de que não deixe de continuar à frente das Instituições que até aqui tenho servido.

Pois bem. Desde que todos sabem o absoluto desinteresse com que as sirvo, desde que realmente as informei do risco de que queria livrá-las, não tenho dúvida em retirar os pedidos de demissão que lhes apresentei, se as Assembleas Gerais que sobre elles têm de decidir, com isso concordarem.

As minhas palavras são de paz e de harmonia. Se o alto significado desta manifestação fôr bem compreendido, se todos nos convenceremos de que é possível, sem quebra de dignidade para ninguém, unirmos os nossos esforços para fazer progredir e prosperar a nossa terra, eu darei por muito feliz o incidente que aqui nos reuniu a todos, e do qual pode e deve nascer um organismo Barcelense, que apenas trate dos interesses de Barcelos, e em que cabemos perfeitamente todos, aqueles que aqui nascemos, e os que aqui honradamente trabalham, sem distincções de carácter político, que só servem para desunir e malquistar quem deve unir-se e cooperar para o bem comum.

Se tal se realizar, verei satisfeita uma grande ambição da minha vida.

Porque outras não tenho que não sejam a de bem servir o meu País e a minha terra, deixar aos meus filhos um nome honrado, e aos meus concidadãos honrada memória de mim.

Viva Barcelos!

Quando o sr. Conde de Vilas Boas acabou de falar, os barcelenses que o escutaram fizeram-lhe uma manifestação carinhosa, do mais decidido apoio às suas palavras.

Em seguida, o sr. dr. Gonçalo de Araujo afirmou que aquela manifestação, exclusivamente barcelense, representava como é possível fazer-se a união de todos para a defesa dos interesses de Barcelos, união a que s. ex.^a aspira, união a que aspiram todos os que veem a necessidade de trabalhar pela terra em que nascemos, como o tem feito o sr. Conde de Vilas Boas.

Terminou assim a manifestação ao sr. Conde de Vilas Boas. Que ela seja, com efeito, o inicio de uma época de trabalho fecundo e elevadamente patriótico a bem de Barcelos!

MÃE E FILHA

Pelo visto, causaram sério engulho a alguns colegas as breves considerações que abordei, a propósito da tendenciosa campanha de demolição do Centro Católico repercutido e fonografado com afan num jornal da terra.

A esse propósito, o sr. A. L., a cujo valor jornalístico não regateio homenagem, permitiu-se, num impertinente tom de superioridade, tirar dos meus obscuros artigos umas ilações e divisar-lhes um rumo, a que me cumpre fazer indispensáveis anotações.

O meu illustre adversário, após umas referências elogiosas, mais filhas de benevolência que de justiça — as quais no entanto por delicadeza agradeço — procurou concluir que eu, naguele quadro e concatenação de factos e de datas, quanto a bens eclesiásticos, tentei sotopôr a monarquia à república e escandalisou-se por eu as apresentar em relação de mãe e filha.

Ora em primeiro lugar e como preliminar, declaro que não venho aqui fazer alarde de convicções monárquicas nem republicanas. Não tenho

feito para adular potentados políticos ou politicantes, quer monárquicos, quer republicanos, entre os quais há e haverá sempre rivalidades, além doutras razões, por não caberem todos no mesmo poleiro.

Para mim, o mau governo do país resulta mais, muito mais, da falta dum sólido e largo *substratum* de civismo e moralidade do que das fórmulas accidentais de regimes.

Por isso degladiem-se lá à vontade os propugnadores da forma monárquica ou republicana, que eu, em regra, observarei de palanque. E' também esta a atitude que mais se coaduna com o sector da imprensa onde estou trabalhando. Por isso, se lhes aprouver, segundo as conveniências do ataque, chamar-me republicano ou vice-versa... à vontade, que isso não me aquenta nem arrefenta.

Em segundo lugar, declaro que o escôpo dos meus artigos em discussão era fazer ver que é errada a tática que vêm adoptando os nossos adversários — a de bater no Centro Católico com os erros e violências religiosas da república, afim de o desmantelar ou *enfendur* a monarquia.

E' que os monárquicos, adversários do Centro, partem do presuposto, aliaz insustentável, que a república entre nós é irreductivel e insanavelmente inimiga da Igreja e que por isso a única que pode atender as suas reivindicações é a monarquia, a protectora nata da Igreja.

Foi por isso que eu apresentei uma série de extorsões e violências que o regime deposto veio exercendo sobre os bens eclesiásticos, violências que o regime actual rematou pela leva integral, radical, dos restantes bens da Igreja.

Daqui resalta evidente que a monarquia não é tal a protectora nata da Igreja, como nas suas campanhas prestabelecem os nossos contendores, porquanto ela, bem pode, como já fez no passado, ser mais ou menos exploradora e oprimadora da Igreja; que por conseguinte razão tem o Centro e os seus autorisados impulsores e orientadores em procurar que esta agremiação, não se enfendando à monarquia nem a regime algum, conserve a sua característica de apolítica quanto a regimes e partidos.

Mas força é finalizar por hoje.

«Nisto—disse eu, referindo-me a bens ecl.—como em tantas outras coisas, monarquia e república, mãe e filha, *arcades amb*».

Inde irae!

E todavia não será isto evidente? Não será certo que a razia final da república se filiou nos precedentes ezonológicos e lógicos (supremacia do poder civil, etc.) do regime seu antecessor que também molhou razoavelmente a sua sôpa no pecúlio da Igreja?

Mas ao que eu escrevi forçou-se a nota e aditou-se que eu rebaixei mais a m. que a f.; que fiz da mãe pior que a filha.

Tal asserto é uma superfetação que não está contida nas premissas.

Da própria contextura com que apresentei o argumento resulta até o contrario.

Expuz a série de extorsões de bens ecl. em paralelo com uma progressão de velocidades mecánicas. Ora, no movimento acelerado, o coeficiente, de aceleração é cada vez maior; o que por consequen-

te, na paralela social das extorsões, dava para a final, a da república, maior aceleração, maior impeto de estragos.

Mais: um aforismo popular diz em sentido pejorativo: nunca quem vem é como quem vai. Sendo assim, era já de ver que a mãe fosse melhor que a filha, naturalmente mais travessa, mórmente nos seus verdes anos.

Vinha agora a talho responder àquela fila de perguntas disparadas pelo nosso illustre adversário, em ares de nos reduzir a cisco; era agora ocasião azada de encadear uma farta coleção de factos e pôr em destaque ligações, linhagens, filiações, donde mais justificada resultaria a minha afirmação e «nisto como em tantas outras coisas, mãe e filha...»

Como porém as maçadas estão proibidas, noutras oportunidades será.

Para concluir: o nosso illustre contendor fecha por aconselhar V. A. a que cuide antes de pipos, de vinhos, de batatas... em que tem ido menos mal.

Terá razão, terá.

Eu também quando leio e releio tiradas como esta: «Que actos de piedade, de caridade cristã, de alcance moral, de religiosidade e de patriotismo se lhe pode notar (ao Centro)?»

Não conheço na acção do Centro nenhum facto notável de valor moral, civil, politico, ou religioso» (*Barc.* 26-1-1924); quando leio isto, escrito por um simples jornalista, embora illustre e respeitável, e sei por outro lado que os srs. bispos=os verdadeiros e autênticos competentes nas matérias sublinhadas, os perfeitos conhecedores de todos os *dessus e dessous* da organização e acção do Centro=não se cançam de acarinhar, estimular, louvar, abençoar os homens do Centro, inclusive o seu venerando chefe;... eu também fico a scismar: ora não seria melhor que nós— não apenas V. A.—vamos antes tratar de agricultura e outras coisas práticas, como batatas, cebolas e tudo, como já o tem feito com proficiência o nosso ex.^{mo} contendor, em artigos de jornais, opúsculos, conferências etc.?

V. A.

PROCISSÃO DE PASSOS

Pode a comissão que cancelosamente, carreando embora trabalhos e arrostando dificuldades, tomou sobre os seus ombros a missão de organizar a magestosa procissão dos Passos do Senhor, estar satisfeita, completamente satisfeita.

A procissão revestiu a nota da religiosidade e da imponência.

Tanto no sábado à noute, como no domingo, crescidíssimo numero de Irmãos do Bom Jesus da Cruz tomou parte nas procissões, concorrendo assim para seu maior luzimento.

Prêgou o sermão do *Prelório* o rev. dr. Manoel de Sousa Peres, de Lisboa, que, na Colegiada e até ontem, tem feito conferências religiosas, desde o dia 10, tanto de tarde como à noute.

Além dos 29 números de anjos (grupos, figuras ou anjos com insignias alegóricas) de que resava o programa, ainda da Póvoa de Varzim vieram 11 figuras, ou grupos, que muito bem se apresentaram.

Eram em numero de 115 os anjinhos que, na procissão, se incorporaram.

A Verónica, com carta-diploma da capela de Barcelinhos, cantou com mimo e com execução segura. Só cantou no primeiro *passo* e no calvário (Bom Jesus da Cruz), porque, por causa das ameaças de chuva, foi julgado prudente não se demorar nos restantes *passos*. Por nós, gostaríamos que a Verónica houvesse apenas quem lhe desse o tom musical e não a acompanhasse instrumentos da música. Talvez não desse pior efeito.

Prêgou o sermão do *Calvário* o rev. Clemente, da Congregação do Espirito-Santo, a quem foram confiadas as conferências quaresmais no Bom Jesus da Cruz.

Só no sábado, 104 Irmãos levavam opas e tochas, além dos que seguravam insignias: lanternas, pálio, etc.

Repetimos: pode estar satisfeita e consolada a comissão, porque Barcelos assistiu, no domingo, a uma brilhante, magestosa e imponente procissão de Passos.

PELO ARCIPRESTADO

A minha gratidão

E' próprio dos corações bem formados manifestar o seu sentir todas as vezes que a justiça o reclama e o dever o impera.

E' o que hoje venho fazer.

Venho prestar a minha homenagem de profunda e sincera gratidão a todos aqueles que, no cumprimento mais lidimo da Caridade Evangélica, me socorreram na crise material que durante tanto tempo sofri. E, dum modo especial, ao sr. Arcipreste de Barcelos que promoveu a subscrição neste importante semanário católico, a coadjunção prestada pelos rev.^{mos} párocos de S. Fins e de Gálegos e pelo rev.^o P.^o Bonifácio Lamela, a amizade prática, leal e desinteressada do ex.^{mo} sr. Amândio Fernandes Correia, e dos ex.^{mos} Directores da «Acção Social» e do «Barcelense» com a sua especial subscrição; e, a coroar toda esta obra de caridade, a hospedagem carinhosa e comovedora dos ex.^{mos} srs. Damázio António Bruno e de sua ex.^{ma} esposa, D. Joana Margarida Teixeira de Bourbon, da illustre casa do Marquês de Lindoso, fidalga no seu braço heráldico e com as qualidades primorosas dum coração virtuosissimo, bem como da benemérita Congregação dos Padres do Espirito-Santo que na sua casa do Salgueiral—Rêgoa—tanto me cativaram. Tudo isto me impele a que publicamente e, sem respeitos humanos, venha beijar a mão de tão queridos protectores, nada mais podendo retribuir-lhes do que as humildes orações no Santo Sacrificio da missa.

Com os protestos reiterados da mais fiel submissão ao meu ex.^{mo} Prelado e, na Sua Augusta Pessoa, a toda a Hierarquia e Doutrina Católicas, só peço a Deus que a todos abençoe e dispense a sua graça.

S. Fins do Tamel, 20 de Março de 1924.

Padre João Alves Pereira.

Novo solicitador

Na última sexta-feira, no Tribunal desta comarca, perante os srs. drs. Marcos Martins, Teotónio Fonseca e Domingos Figueiredo, fez exame para solicitador o sr. Francisco António de Faria, filho do nosso bom amigo José da Graça Faria, solicitador encartado.

Ficou plenamente aprovado, Felicítamo-lo.

Circulo Católico

Realisou-se ontem, no Circulo Católico de Operários desta vila, a festa comemorativa do 20.º aniversário da fundação desta colectividade, que decorreu brilhantíssima, apresentando o amplo salão um aspecto consolador, pelo elevado número de pessoas que ali acorreram.

Presidiu à sessão solene o sr. Conde de Vilas Boas, secretário pelos rev.º Pároco desta vila, sr. P.º Joaquim A. Gaiolase pelo Capelão do Bom Jesus da Cruz, sr. P.º António Esteves. Falou em primeiro lugar o sr. P.º Silva Gonçalves, antigo parlamentar católico, que apresentou um esplendido trabalho sobre a Castidade, que s. ex.ª publicará em breve, pois é um estudo que muito convem tornar-se conhecido e devidamente apreciado. Depois, sobre o mesmo assunto, falou também brilhantemente, o sr. P.º Peres, o distintíssimo conferente da última semana, na Igreja Matriz, que ensinou como a Castidade é uma virtude de alta consideração.

Ao fechar, o sr. Conde de Vilas Boas agradeceu umas referências muito justas que lhe fez o sr. P.º Peres, e, afirmando mais uma vez que só como barcelense tem trabalhado e trabalhará pela sua terra, encerrou a sessão. Depois o grupo infantil representou algumas scenas muito interessantes e que muito agradaram.

A falta de espaço não nos deixa ser mais minuciosos, como esta noticia merecia.

Ecos e Noticias

Bonemerência

Ao satisfazer o legado deixado por sua saudosa tia, D. Maria Pais Vilas Boas, ao Recolhimento do Menino Deus, o nosso prezadissimo amigo, dr. Joaquim Gonçalves Pais Vilas-Boas, contemplou aquela Casa de Caridade, tão precisada de recursos, com o donativo de 200\$00. As orfãsinhas beijam-lhe agradecidas as mãos.

Aprensão

O zelador municipal João Caravana apreendeu a um marchante de carneiros um destes animais, que foi abatido, sem ter pago os impostos respectivos.

A carne foi distribuída pelos Asilos de Inválidos e do Menino Deus.

Asilo de Inválidos

Para esta Casa de Caridade recebeu o sr. Augusto Ferreira, seu Tesoureiro, o donativo de 100\$00, que lhe foi entregue pela sr.ª D. Ermelinda de Mirauda Aviz, para cumprimento de disposições particulares.

Esmolas

Uma anónima, por intermédio da sr.ª D. Ermelinda A. de Miranda Aviz, mandou distribuir as seguintes esmolas:

Ao asilo de Inválidos (Hospital), 100\$00; à Sopa dos Pobres, 100\$00; ao Circulo Católico, 100\$00; à Associação das Senhoras de Caridade de S. Vicente de Paulo, 100\$00.

A nossa carteira

Esteve nesta vila a sr.ª D. Maria Pereira Azurara, da Póvoa de Varzim.

—Tem estado no Pôrto a sr.ª D. Maria Guilhermina Fernandes.

—Voltou para Guimarães o nosso distinto amigo dr. José Júlio Vieira Ramos. S. ex.ª conta em breve fazer uma temporada na sua Quinta do Beijão.

Folgam com isso os seus numerosos amigos.

—Deu-nos o prazer da sua visita o sr. Artur Mociel, de Portuzelo, Viana do Castelo.

Orfeão Barcelense

Pede-se a comparência de todos os orfeonistas ao ensaio, no dia 21 do corrente, pelas 20 1/2 horas, afim de se tratar de assuntos da máxima importância.

A Direcção.

Correio de Coimbra

Este denodado campeão da causa católica, com um corpo de colaboração de primacial destaque, como drs. Pacheco Amorim, Gonçalves Cerejeira, Garcia R. de Vasconcelos, Oliveira Salazar, Serras e Silva, Mendes dos Remédios, Mario de Figueiredo, Lemos de Oliveira, Campos Neves, Liberato do Nascimento, etc. etc., entrou no 3.º ano de sua existência.

Naquela casa jornalística, trabalham todos como católicos em união com a Igreja, obedecendo perfeitamente aos legitimos pastores.

«Do jornal, só sabem o que elles custa de sacrificios. Da politica só desejam que ela fôsse patriótica e cristã Trabalham para servir a Deus e á Pátria.»

Ao «Correio de Coimbra», jornal optimamente feito, quer intellectual quer materialmente, desejamos longa vida e enviamos-lhe as nossas felicitações.

Sopa dos pobres

(donativos recebidos)

Do sr. Humberto C. Coelho Gonçalves de armazenagem de um objecto de um cavalheiro por não cumprir a sua palavra, 30\$00; do sr. Conselheiro Sá Carneiro, 20\$00; de uma anónima por intermédio do sr. Francisco Carmona, 10\$00; do sr. Abilio Luiz de Almeida, 50\$00.

O concelho de relance

Macieira, 9.

Na forma dos anos transatos, fez-se a solenidade das Quarenta Horas, durante os dias do Carnaval. De manhã, houve missas cantadas, a canto chão, sob a direcção do rev. Marques Lima, de Chorrente e exposição do S. S. Sacramento.

A tarde, sermão pelo rev. Silva Gonçalves, estando ao harmonium o rev. Eduardo Ferreira, Coadjutor de Cristelo. Houve muitas confissões e comunhões. As zeladoras dos altares esmeraram-se em os acarem. A armação foi de Vilar de Figos.

Estes actos foram concorridos, não só pelos fieis desta freguesia, como de freguesias circunvisinhas.

— Na quarta-feira de Cinza, todos comungaram por desobriga.

— E' novo assinante da «Acção Social» o sr. José Alves da Costa.

— Os lavradores desta freguesia vão reconhecendo a necessidade de se organisarem. Para o Sindicato de Barcelos, além doutros, inscreveram-se ultimamente como sócios os snrs. Manoel António de Araujo, Avelino Ferreira da Silva, Agostinho José Ferreira, Joaquim Alves dos Santos, José Ferreira do Paço, Manoel da Silva, António Lopes da Costa Mariz e José Fernandes de Carvalho.

E' preciso que todos os lavradores, com conhecimento do que é e do que vale a sua associação de classe, nela se agrupem, para poderem ser ouvidos, servindo-se, não da grêve dos braços caídos, mas da expressão, serena mas altiva: alto! basta de sermos ludibriados, queremos que nos reconheçam os nossos direitos e nos tratem como filhos, e dos mais prestantes, da nossa Pátria!

Idem, 16.

Com o nome de Deolinda, foi baptisada uma filha de Joaquim Alves dos Santos e com o nome de Justino, um filho de António dos Santos.

—Na segunda-feira passada, foi encontrado morto, num regato,

no lugar do Rio Pequeno, António Ferreira do Paço. Participado o caso ás autoridades, foram dadas ordens para ser levantado o cadáver, visto ser o falecido um homem de bem e não ter inimigos, a não ser o álcool, de cujos terríveis efeitos decerto foi vítima. Foi sufragada a sua alma com officios de corpo presente.

—Com 15 meses de idade, foi sepultada, no dia 15, a inocente Laura de Jesus, filha de Daniel José Gomes de Oliveira. Teve acompanhamento muito concorrido e foi cantada, ao corpo presente, a missa dos Anjos.

—Increveram-se sócios do Sindicato Agrícola os snrs. António de Lemos Ferreira, Serafim de Lemos Vilas-Boas, António José da Silva, Manoel Ferreira da Silva, Avelino Joaquim dos Santos e Francisco José da Silva.

Abade de Neiva, 17.

Confortada com os Sacramentos da Igreja e tendo sofrido com muita resignação, faleceu, com 76 anos de idade, Ana Joaquina (a Ferreira). Por sua alma, resaram-se officios de corpo presente.

—Com o nome de Laura Adeline foi baptisada uma filha de Manoel da Silva Ferreira. Foram padrinhos Adelino Lopes dos Santos e D. Laura da Silva Neiva e Santos.

—Com 67 anos de idade faleceu Manoel José de Sousa Cachada. Em tempos, teve alguns meios; morreu, porém, miseravelmente.

Por caridade, foi encerrado em um pobre caixão e, também por caridade, teve uma missa ao corpo presente.

—Estiveram aqui e já retiraram para o Pôrto a sr.ª D. Laura da Silva Neiva Santos e os snrs. capitão João Pires e Adelino Lopes dos Santos.

Campo, 11.

No dia 15, houve aqui reunião de confesores, desobrigando-se grande número de fieis, os quais também comungaram quasi todos no domingo immediato.

—Esteve com um violento ataque de gripe, mas já se encontra bem, a sr.ª Deolinda, esposa do nosso amigo e assinante sr. Guilherme Duarte Pinheiro.

—Esteve no Pôrto, a cuidar de seus incómodos, o ex.º amigo sr. João Cândido Veloso de Miranda Pereira Barreto, da casa do Rato.

—Partem, por estes dias, para o Brazil, os João Martins Lopes e Elias C. de Sousa e, na semana transata, foram os snrs. Domingos de Carvalho e filho; para a França, parte também o sr. Serafim Duarte do Vale.

E' o êxodo febril, na luta pela vida.

Tamel (S. Fins), 11

Fixou residência em casa do nosso estimado pastor, o rev.º sr. João Alves Pereira.

—Projectam-se as obras na residência paroquial. A madeira tem-se coseguido de proprietários estranhos á freguesia. Os da freguesia darão o dinheiro para a mão de obra, etc.

Carapeços, 17.

Partiram para o Brazil o sr. Moisés da Cunha Outeiro e familia e o sr. António Rodrigues do Rêgo. Que tenham uma feliz viagem, são os nossos desejos.

—Está quasi restabelecida a sr.ª Maria Exposta, mulher do sr. Marcelino Ferreira de Andrade, dum parto difficilimo, sendo operador o hábil médico dr. Miguel da Silva Fonseca.

—No passado domingo foi, baptisada uma filha do sr. José Martins Coutada. Foram padrinhos os snrs. António da Costa e Ermelinda Crespo.

—Receberam o sacramento do matrimonio, no dia 10 do corrente, Francisco Tomé da Silva e Carolina Ferra de Andrade. Um futuro cheio de felicidade é o que lhes apeteçemos.

—Principiou ontem a novena em honra de S. José que vai ser,

Mercantil de Barcelos, L.ª

Avenida -- Barcelos

TABELA DE PREÇOS

Arroz Burma	2\$40	kilo
Assucar extra	5\$70	»
» branco	5\$50	»
» cristal	5\$40	»
» amarelo claro	4\$70	»
Sabão 1.ª	4\$80	»
» africano	4\$20	»
Farinha milho branco	1\$40	»
Azeite	5\$20	litro

DEPOSITO DE FARINHAS E SEMENTES

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

festejado no próximo dia 25 com missa solene e exposição do Santissimo até á tarde, havendo nessa ocasião um sermão.—Hora de Adoração mensal. E' de esperar que seja muito concorrido.

—Partiu para a França o nosso amigo Valentim Pereira Braga, á procura de fortuna. Boa viagem e que seja bem sucedido. Estão muitos com os documentos quasi prontos para seguirem o mesmo destino: E' uma fébre de emigração que se apoderou de homens sádios e vão fazer muita falta á lavoura.

Couto (S. Tiago), 18.

Nesta freguesia, não se notou aquele entusiasmo dos tempos passados com a chamada festa do Carnaval, na sua manifestação paga. Bom foi, para honra deste povo.

Todavia ainda se ouviu o trombetear das buzinas, a convidarem aos brincudeiros.

[Teme-se deveras a carestia da vida que aumenta dia a dia.

—Realizou-se o enlace matrimonial do sr. João Rodrigues do Vale Júnior com a sr.ª Ana Dias da Cunha Barbosa, filha da illustre familia Cunha Barbosa, e irmã do acreditado e importante negociante da Praça do Pôrto, Felix da Cunha Barbosa, sobrinho dos pais do noivo. Que sejam muito felizes é o que sinceramente lhes desejo.

—Felizmente a gripe deixou de apoquentar o bom povo desta freguesia.

AGRADECIMENTO

Pedindo desculpa de qualquer possivel falta de agradecimento de condolencias manifestadas por motivo dos falecimentos de nossos saudosos Pae e Tia, patenteamos a todos, por este meio, o nosso maior reconhecimento.

Barcelos, 20 de Março de 1924.

Elisa Selés Paes de Vilas-Boas
Joaquim Paes de Vilas-Boas

A'S SENHORAS

Chapeus de senhora e menina, excruta e modifica com a máxima perfeição e rapidez a preços módicos

Maria A. M. Matos Ferreira
R. Alcaldes de Faria
BARCELINHOS

COMPANHIA EDITORA DO MINHO

Soc. An. de Resp. Limitada
Assembleia geral Ordinária

A assembleia geral para discutir e votar o relatório e contas e o parecer do Conselho Fiscal, reúne no dia 29 do corrente, ás 16 horas, no edificio da sociedade.

Barcelos, 11 de Março de 1924.

O Presidente:
José Gomes de Matos Graça.

COOPERATIVA DE BARCELOS

Assembleia geral extraordinária

A pedido da Direcção desta Cooperativa e de conformidade com o disposto no art.º 15 dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral extraordinária dos sócios para o dia 27 do corrente, pelas 14 horas, na sala das sessões da Ex.ª Câmara Municipal, afim de se deliberar sobre o pedido de demissão dos corpos gerentes e, ou proceder á eleição de novos corpos, ou resolver a liquidação da Cooperativa.

Caso nesse dia não compareça a maioria dos sócios com voto, ficará a Assembleia Geral convocada, segundo o que dispõe o § 2.º Art.º 16, para o dia 3 de abril e á mesma hora.

Barcelos, 12 de março de 1924.

Presidente da Assembleia geral.

P.º José Francisco Riós Novais.

CARTEIRA

Perdeu-se desde o Hotel Elvira até Santa Maria de Abade (Lugar da Igreja).

Em virtude de ter documentos que fazem falta, roga-se á pessoa que a achou o favor de ficar com o dinheiro que ela contem e lançá-la ao correio, dirigida á «Mercantil Barcelense», á Avenida da Estação.

COMPANHIA EDITORA DO MINHO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital -- Cem contos

SÉDE — RUA D. ANTONIO BARROSO — BARCELOS

TIPOGRAFIA oficinas montadas com material aperfeiçoado, aptas a executar todos os trabalhos de impressão, a uma ou mais côres.

ENCADERNAÇÃO oficina em que se tomam todos os trabalhos de encadernação e brochura, e que são executados com perfeição e segurança.

PAPELARIA vendas por junto e a retalho, de papeis de todas as qualidades, para impressão e escrita. Objetos de luxo para escritorio.

EMPRESA INDUSTRIAL DE BARCELOS, L.^{da}

(FABRICA DA GRANJA)

Largo da Granja, 9 a 17 — BARCELOS

Serração, Carpinteria e Mecânica

Executa-se, com perfeição e rapidez, qualquer encomenda, com grande vantagem e economia para os Srs. Construtores e Proprietarios.

Preços sem competencia.

Ismael de Macedo & C.^a

Rua D. Antonio Barroso, 34 e 36

BARCELOS

Completo e variado sortido em casimiras, chales, malhas, panos crus, panos brancos e muitos outros artigos.

Um bom sortido em miudesas

PREÇOS DE RECLAME

Mercearia 1.º de Dezembro

DE

BRITO & C.^a

Barcelos

Rua Infante D. Henrique, 27 a 33
Rua Manoel Viana, 1 a 7

Chá, café e papelaria.

Arroz, assucar e bacalhau.

Azeites especiais.

Massas de superior qualidade.

Depósito da COMPANHIA VELHA DO ALTO DOURO.

Bolacha fina, biscoitos de Valongo. Louças e vidros.

Farinhas e muitos outros artigos.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

A CONFIANÇA

PASSAPORTES E PASSAGENS

José Maria Monteiro Torres

Legalmente habilitado

Frente à cadeia — Barcelos

Passagens para América do Norte, Rio de Janeiro, Argentina, Africa Portuguesa e mais portos, etc. Passaportes para França, Espanha, etc.

Procurar esta casa, é ter a certeza de que os seus contratos serão sempre fielmente cumpridos, e de que os Srs. passageiros seguirão ao seu destino sempre dentro da legalidade.



Esta casa não tem ligação alguma com a do seu irmão na rua Direita.